

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 517	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte, m. forte)	36800	16900	6950	6120	I DE MAIO DE 1893	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável, Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	46000	23000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	56000	26500	—	—		



## CHRONICA OCCIDENTAL

Como infelizmente era de prever a morte foi o epilogo da doença gravissima que ultimamente atacara o illustre Marquez de Ficalho.

Durante uns dias a marcha da pneumonia foi tão benigna, que chegou a fazer nascer esperanças de que o doente, apesar dos seus oitenta annos passados, pudesse cantar victoria, mas depois a doença arrependeu-se do bom caminho que ia seguindo e ás 11 horas da manhã de quarta feira 27 matou o venerando e illustre fidalgo.

O Marquez de Ficalho era uma das mais nobres e das mais sympathicas e das mais aristocraticas figuras da velha aristocracia portugueza.

Valente como as armas, assim o provou, quando rapaz, durante as campanhas da liberdade, no posto de ajudante do Imperador D. Pedro IV, o Marquez de Ficalho foi em toda a sua larga vida um leal e dedicado amigo e servidor da Casa de Bragança.

Muito intelligente, muito illustrado, tendo vivido sempre em altas espheras, tendo visto muito e sabido ver, o illustre fidalgo era um dos mais brilhantes cavaqueadores que tem havido em Portugal, cheio sempre de alegria, de bom humor, de bom senso, qualidades que eram ainda realçadas por uma grande hombridade de caracter, por uma grande bondade de coração, que faziam d'elle o prototypo do velho fidalgo portuguez, raça que vaereando, mas que na casa Ficalho não acaba, porque o velho marquez deixou um herdeiro illustre do seu illustre nome e das suas fidalgas qualidades, no seu filho o nosso prezado amigo o sr. Conde de Ficalho, tão nobre pelo nascimento como pelo caracter, como pelo talento e a quem enviamos o nosso sentido pezame n'este momento augustissimo.

O Marquez de Ficalho tinha 87 annos d'idade pois nascera em 1806, era filho de Francisco José de Mello Breyner Telles da Silva, primeiro

Conde de Ficalho e de D. Eugenia d'Almeida, 5.ª filha dos terceiros marquezes de Lavradio.

O seu nome era Antonio de Mello Breyner Telles da Silva e foi segundo conde de Ficalho e 1.º marquez de Ficalho de juro e herdade.

Era par do reino, conselheiro d'Estado effectivo, mordomo-mór da casa Real, foi gentil-homem da camara da Rainha D. Maria 3.ª, d'Elrei D. Pedro V, e d'El-rei D. Luiz, ajudante de campo do Imperador D. Pedro IV, do duque de Leuchtenberg, e d'El-Rei D. Fernando, e era gran cruz das ordens de Christo, da Torre Espada, da Roza do Brazil, da Agua Vermelha da Prussia, de Carlos 2.º de Hespanha, de S. Estanslau da Russia; associado provincial da Academia Real das Sciencias de Lisboa, vogal effectivo do concelho d'Agricultura, Commercio e Industria, Senhor de Villa

Verde de Ficalho e do Morgado da Villa de Serpa commendador de Santa Maria de Alcanene na ordem de Aviz e alcaide-mór da mesma Villa, commendador de S. Pedro de Gouveas e de S. Martinho de Pinhel na ordem de Christo.

Em 14 de setembro de 1834 casou com D. Maria Luiza Braamcamp d'Almeida Castello Branco, segunda filha dos srs. Condes de Sobral, e d'esse casamento teve apenas um filho, o sr. D. Francisco de Mello, actual Conde de Ficalho.

Apparentado o Marquez de Ficalho, com muitas das casas mais nobres de Portugal, a sua morte cobre de lucto muitas das principaes familias da nossa terra.

N'esses ultimos tempos a morte tem ferido cruelmente a familia Ficalho e em poucos annos tem roubado ao sr. conde de Ficalho sua mãe, a sr.ª marquez de Ficalho, sua esposa, a sr.ª Condessa fallecida ha mezes apenas e agora seu pae.

Os nossos sentidos pezaes.



CONSELHEIRO DR. JOSÉ JULIO RODRIGUES — DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

FALLECIDO EM 29 DE ABRIL DE 1893

(Copia de uma photographia do sr. Camacho)

E alem d'este tristissimo acontecimento poucos ou nenhuns mais houve em Lisboa depois da nossa ultima chronica.

Um tempo medonho, um supplemento vendavalesco ao inverno foi a ultima novidade lisboeta, novidade que o não era muito por que estava já prevista e annunciada pelo celebre astronomo saragoçano, que d'esta vez acertou em cheio, com uma precisão mathematica.

E com tanta precisão, com tanta certeza, que ha já por ahí muita gente indignada contra elle.

Ha dias contava-nos um illustre fidalgo, que tem uma lindissima vivenda em S. José de Ribamar, que o seu caseiro estava furioso com o temporal, que lhe estragava e inutilisava todos os seus trabalhos de horticultor, e mais furioso ainda com o Saragoçano do que com o temporal.

— É preciso dar cabo d'esse raio do diabo, dizia o pobre homem fulo, enquanto não houver alguém que lhe dê um tiro temos sempre esta dança!

Não sei se foi por o saragoçano saber d'isto e ter alguém que o avisasse dos rancores e dos odios que por ahí andavam já desencadeados contra elle ou pelo que foi, o que sei é que o mau tempo acabou e que o mez de maio vaee entrar em Lis-

boa com uns dias de primavera como de direito lhe compete.

O pianista Vianna da Motta concluiu a sua serie de concertos e com exito sempre crescente, o que é o seu maior elogio. No seu primeiro concerto teve meia casa, no segundo apesar da noite chuvosa, teve casa cheia, no terceiro uma noite de verdadeiro temporal uma casa á cunha retirando-se muita gente enxarcada e desconsolada por ter apanhado uma carga d'agua sem ter conseguido apanhar um bilhete.

No dia em que escrevemos realisa o illustre pianista o seu beneficio no theatro de S. Carlos e é de crer que com o exito que tem tido consiga encher o theatro.

Vianna da Motta é realmente um artista extraordinario e são justissimos e nada exagerados todos os elogios que lhe fazem.

No dia 23 de abril partiram para o Rio de Janeiro os artistas da companhia do theatro do Principe Real, á excepção de dois ou tres.

Esses artistas foram dar ali uma serie de espectaculos no mez de maio, contractados pelo empresario Celistino da Silva.

Dizem os jornaas que na volta do Brazil alguns d'esses artistas não tornarão para o theatro do Principe Real cuja companhia ao que parece sofrerá grandes modificações.

Por esse mesmo paquete partem tambem para o Rio o empresario theatral José Fernandes de Carvalho, mais conhecido nos theatros de Portugal e do Brazil pela abreviatura brasileira de Juca, que vaé ali preparar as cousas para as representações que ali vaé dar a companhia do theatro de D. Maria.

Esta companhia parte para o Rio no paquete de 23 do corrente.

Vão todos os artistas d'aquelle theatro á excepção das actrizes Virginia e Emilia Candida e dos actores Ferreira da Silva e Cesar de Lima.

Na companhia vão muitos artistas que nunca foram ao Brazil entre elles, a illustre actriz Rosa Damasceno, que ali debutará na formosa comedia allemã *O Tio Milhões* em que ella é extraordinaria.

O theatro de D. Maria portanto fecha as suas portas antes do fim do mez: o Principe Real já fechou as suas: o theatro do Gymnasio fecha em 15 de junho; S. Carlos por esse tempo tambem aproximadamente pois a companhia franceza vem apenas escripturada por vinte récitas e como se vê a época theatral está prestes a acabar.

Emquanto ao verão nada de resolvido definitivamente por enquanto, mas consta que o theatro da Trindade fará este anno época de verão com uma magica e que a companhia d'opera comica do theatro do Principe Real do Porto virá dar a Lisboa uma serie de espectaculos e oxalá que venha porque essa companhia é hoje, no seu genero a primeira do paiz.

E não sahindo do assumpto theatros uma noticia que nos é muito grato registrar é que representa um acto de justiça que applaudimos novamente.

Sua Magestade El Rei agraciou com o habito de S. Thago o actor-ensaiador do theatro de D. Maria, o sr. Augusto Xavier de Mello.

A graça regia não podia ser mais bem cabida porque Augusto de Mello não é só um dos actores mais distinctos do nosso paiz, — e apesar de retirado ha annos do seu genero theatral, prouou-o brilhantemente ha mezes pela maneira notavel como representou um papel no *Tio Milhões* — como tambem um mestre em questões d'arte theatral, como o demonstra o seu livro sobre arte de representar, publicado na *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, e um escriptor muito distincto, como o provam os seus folhetins e artigos publicados no *Correio da Manhã* sob o pseudonymo de *Beltrão*, as suas brilhantes chronicas, algumas das quaes foram publicadas n'este jornal, no mesmo logar que nós occupamos, quando uma doença gravissima nos obrigou a abandonar o posto, é um espirito illustradissimo, um artista de primeira ordem, intelligente entre os mais intelligentes, um escriptor de notavel merito e um homem de bem.

Felicitemos vivamente o nosso velho amigo pela distincção com que El-Rei premiou o seu persistente e honrado trabalho, os seus altos meritos e notavel talento.

Na occasião de rever as provas d'esta chronica tenho infelizmente que lhe acrescentar uma noticia tristissima, a da morte do illustre professor José Julio Rodrigues cuja chegada do Brazil e grave doença já aqui noticiei ha semanas.

Desgraçadamente foram inuteis todos os esforços da sciencia, todos os cuidados dos amigos e a doença de que dias depois de sahir do Rio fóra atacado, seguiu o seu caminho fatal e matou o depois de o ter torturado durante semanas de verdadeiro martyrio.

Portugal perde em José Julio um dos seus mais notaveis homeus de sciencia, um dos mais brilhantes e persuasivos oradores.

Paz a sua alma!

Gervasio Lobato.

## JOSÉ JULIO RODRIGUES

Ainda ha pouco deixára Portugal pelo Brazil, onde ia procurar mais vasto campo para a sua extraordinaria actividade, desilludido das coisas da patria, que não obstante elle amava com o seu grande coração, e eil o de novo entre nós para nos dizer o ultimo adeus da partida para esse mundo d'onde se não volta mais.

O que pôde o destino!

José Julio Rodrigues regressara do Brazil, nos principios do mez que hontem findou, e veio doente de uma affecção biliosa, que a falta de tratamento apropriado, durante a viagem, aggravou extraordinariamente, produzindo se o derramamento geral da bilis em todo o organismo.

Vimol o em casa dos srs. Emilio e Alfredo Dias, para onde o enfermo se recolheu do Lazareto, amarello como ocre, desde as alvas dos seus olhos, outr'ora vivos e insinuantes até ás unhas das mãos, mãos que se abandonavam semimortas sobre a roupa da cama, e onde o edema já se pronunciava visivelmente.

De costas, entre almoçadas, jazia o grande homem, tão desfigurado e extranho a nossos olhos que se não nos dissessem ser elle, não o teriamos reconhecido.

Approxima m'o nos e elle estendeu nos a mão que apertámos entre as nossas com emoção. A mão estava fria e fria era já a palavra que nos dirigia o enfermo, aquella palavra outr'ora quente, vibrante, colorida e atrahente, que arrebatava assembleas, que espargia sciencia, que era um encanto e um proveito ouvir.

Na frente só lhe brilhavam as lentes dos seus olhos, os olhos estavam amortecidos e os labios descerravam-se a custo não podendo occultar a fadiga que lá dentro.

— Ainda bem que veio, tenho ahi umas coisas para si, disse-nos elle a custo, com voz fraca.

— Depois trataremos d'isso, atalhámos. Agora é tratar da saude...

— Pois sim, mas eu preciso dizer-lhe isto já, porque a saude não sei quando virá.

Elle conhecia bem o seu estado.

— E embarcou já doente, perguntámos.

— Estava alguma coisa incommodado e antes de partir, os meus compatriotas offereceram se para me tratar com todo o carinho. Aquelle Daniel e Bernardino (1) são uns anjos, tiveram para mim as maiores amabilidades: devo lhes os maiores obsequios; mas eu precisava vir a Portugal para levar meus filhos, e a estação agora é a melhor. Se não viesse agora só podia vir em outubro, porque as passagens nos paquetes estavam todas tomadas até lá.

E assim foi proseguindo na conversação, em que se reconhecia a sua antiga verbosidade apesar da difficuldade com que fallava.

Retiram'o nos mais depressa para lhe pouparmos a fadiga de fallar, que n'aquellas circumstancias era prejudicial.

Retiraram'o-nos com o coração compungido, sem esperanza que o nosso querido amigo triumphasse do mal que o avassalava.

E infelizmente assim succedeu. Seis dias depois d'esta visita, José Julio Rodrigues succumbiu pelas 7 horas da manhã do dia 20 de abril.

Na escacez do tempo que nos é dado para traçarmos estas breves palavras, que a amizade nos

(1) Alludia nos srs. Daniel Monteiro d'Abreu e commendador Bernardino Monteiro d'Abreu, vice-consules de Portugal em S. Paulo, em casa dos quaes esteve hospedado.

suggere e o dever de prestarmos esta derradeira homenagem ao querido e illustre extincto nos impõe; não cabe reunirmos os elementos necessarios para fallar mos d'elle como homem de sciencia, como tribuno e para lhe desenhar mos o caracter.

Mas por fortuna vem em nosso auxilio um primoroso perfil que o *Jornal do Commercio* publica, e que desenna perfeitamente o illustre sabio que hoje todos pranteamos.

Pensamos d'elle exactamente o que ali se diz e por isso com a devida vénia, extractamos alguns periodos do artigo:

«E, com effeito, trabalhara, agitara-se, e, um pouco pela fatalidade das coisas e muito pelo seu temperamento, d'esse trabalho e d'essa agitação colhera bastas e desolantes, decepções tão bastas e tão desolantes, que, descrente do seu paiz, ia procurar n'outro o que não havia encontrado aqui e que attribuia (sempre á illusão pessoal) não ao seu modo de ser, mas ao meio social. Engano redondo! A causa dos seus revezes, dos seus contratempos, e, se assim quizerem, dos seus infortunios, estava absolutamente em si, absolutamente.

E' que tinha imaginação de mais. Era uma força e, pelo reverso da medalha, uma fraqueza. Talento vigoroso, aptidão incansavelmente trabalhadora, o seu estudo, a um tempo theorico e pratico, de reflexão especulativa e de experiencia de laboratorio, era longo, vasto, abundante, fecundo. E depois, servindo esse estudo por uma palavra facil, quente, colorida, eloquente, insinuante e communicativa; revestia-se elle de exterioridades de um brilho extraordinario. Essa imaginação «ervia-o admiravelmente para espalhar, suggerir idéas, para derramar, apostolizar a sciencia. Mas deservia-o para as converter em realidades positivas, praticas, lucrativas. Agitava germens de dezenas de industrias, de explorações agriculas, e, comtudo, quando se lançava n'umas e n'outras, todas as suas tentativas, todos os seus planos falhavam por completo.

Faltar-lhe-ia o senso pratico, sob o ponto de vista scientifico, isto é, em harmonizar os meios com os fins, e, para que assim o digamos, um espirito de logica descendo dos principios aos factos, do abstracto ao concreto, ou, realmente, por um sentimento de boa fé, era elle victima d'essa excessiva confiança? Mas, para aquelles que elle interessava nas suas empresas, não haveria vantagem em ludibriar esse sentimento de confiante cordialidade? Que cada qual consulte a voz do seu egoismo.

O insuccesso, portanto, das empresas de José Julio Rodrigues estava na sua maneira de ser intellectual. Possuía imaginação de mais, para, pondo-a entre os principios e os factos, não cair em exageros e phantasmagorias. Frustrava-se o industrial, mas o professor exaltava-se. Mas não se consolava, porque não lh'o consentia a generosa, sempre a generosa, illusão pessoal dos seus desastres, e, na humana tradição dos genios incompreendidos e hostilizados, pela inintelligencia e pela inveja, elle julgava-se incompreendido e hostilizado, d'onde o seu azedume e o seu expatriamento.

Não, pobre e illustre finado, nem fostes incompreendido, nem hostilizado. Vós, com a vossa abundante imaginação, é que fostes incompreendido a vós mesmo, é que foste hostilizado por vós proprio! Sim, por vós proprio! Ereis um excellentemente um magnifico, um admiravel professor, e um não menos excellentemente, um não menos magnifico, um não menos admiravel apostolizador de idéas. Appellamos para os vossos discipulos, appellamos para os vossos ouvintes.

«A imaginação scientifica, eis, quanto a nós, a característica d'esta individualidade. E d'ahi o suggestivo relevo das suas lições e das suas preleções. Era um prazer ouvir-o, porque tinha o condão de excitar o espirito. As idéas mesmo de feição a mais secca e antipathicamente abstracta, os factos até de aspecto o mais insignificante e inexpressivo, transfiguravam se, mercê da sua imaginação, em verdades vivas e palpantes. Era um visionario da sciencia, e, por uma crença religiosa nella, um verdadeiro apostolo. São necessarios e uteis estes feitos de espirito, sobretudo numa sociedade, como a nossa, apathica e somnolenta».

«A importancia de José Julio Rodrigues é a de ter agitado idéas. Não foi um creador, mas um vulgarizador. E n'isto poucos o terço excedido. A sua exposição era clara, a sua illustração vasta e variada, o seu poder de converter os factos scientificos em emoções — prestigiosas. As suas conferencias no salão do theatro da Trindade sobre o cholera, as suas conferencias no theatro de D. Maria sobre o nosso atraso industrial e o desenvolvimento de que elle é capaz, as suas conferencias no theatro de S. Carlos sobre os Açores, são mo-

delos de sermões leigos, sermões-lhes chamamos pela fé científica que os vivificava, leigos pelo seu assumpto, se é que, em verdade cabe aqui tal palavra, já pelo caracter de crença que elle lhes imprimia, já pela uncção pantheista que os exaltava e esthesiava.»

«Eram estas as condições de encanto das conferencias de José Julio Rodrigues, porque se o ouvinte, de facto, se comprazia com a nota episódica e humorística, que o conferente procurava e acariciava, no fundo, o que o prendia ao prelector não era o tel-o feito sorrir, mas sentir e pensar, tanto, ainda que imaginemos o contrario, somos na essencia mais serios que risonhos. Por isso, para nós, é sob este aspecto que avulta a physionomia espirital do illustre morto e que a sua perda é realmente irreparavel. E tão organica e fundamental era esta a sua feição, que os seus livros não são mais, com as eliminações convenientes de detalhes e a condensação da linguagem, que fórmulas das suas conferencias.»

Concluindo diremos que José Julio Rodrigues nasceu em Gôa a 8 de maio de 1843 e era filho do bacharel José Julio Rodrigues, juiz, que foi, da Relação de Loanda.

Cursou a universidade de Coimbra onde se formou em mathematica.

Desempenhou o lugar de professor de Introdução no lyceu de Lisboa. Lente de chimica na Escola Polytechnica e no Instituto Industrial e Commercial de Lisboa. Era presidente do mercado central dos productos agricolas, commissão de que fóra exonerado ha pouco por causa da sua retirada para o Brazil.

Socio de varias sociedades scientificas nacionaes e estrangeiras, era membro da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Foi deputado ás côrtes por duas vezes, sendo a primeira pela India e a segunda pelo Funchal.

Tinha a commenda de S. Thiago, a cruz da Legião de Honra e o Officialato da Instrucção Publica de França. Juntava a estas distincções a da carta de conselho com que o agraciara o governo portuguez.

A lista das obras que publicou, e das commissões de serviço official que desempenhou, veio desenvolvadamente publicada a pag. 218 do vol. XV do OCCIDENTE.

Muito havia ainda a esperar do talento e prodigiosa actividade do illustre professor, mas a morte prematura pôz fim a todas essas esperanças.

Que descance em paz quem tanto luctou na vida, e á sua illustre familia enviemos a expressão mais sincera do nosso pezar por tão infausto acontecimento.

Caetano Alberto.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### AS BODAS DE PRATA DOS REIS DE ITALIA

Passou no dia 22 de abril o vigessimo quinto anniversario nupcial de suas magestades os Reis d'Italia.

N'esse anniversario celebraram-se as bodas de prata que tão brilhantemente se festejaram na cidade eterna.

Em seguida mencionamos essas festas segundo o programma publicado no jornal romano *La Riforma*.

No dia 19 — Chegada dos soberanos da Alemanha, ás 12 horas e 30 minutos da tarde.

Em 21 — Corridas de cavallos em Campanelle. Recita de gala no theatro Dramatico.

Em 22 — Recepção no Paço ás 2 horas da tarde. Banquete de gala ás 8 horas da noite.

Em 23 — Concerto no Paço ás 10 horas da noite.

Dia 24 — ás 9 horas da manhã revista militar. As 5 horas da tarde *Ga den Party* na embaixada inglesa. As 8 horas da noite banquete militar.

Dia 25 — Torneio na villa Borghese, ás 4 horas da tarde.

Em 27 — Partida dos imperadores da Alemanha e dos reis de Italia para Napoles.

Dia 28 — Excursão pelo golpho de Napoles, ás 10 horas da manhã. Jantar de gala ás 8 horas da noite. Baile no Circulo da União.

Dia 30 — Partida para Spezzia.

Dia 1 de maio — Chegada a Spezzia no *Savoia*.

Este programma dos festejos offereceu tantos atractivos que os hoteis e hospedarias da grande capital italiana se encheram completamente.

Todas as familias reinantes da Europa enviaram alguns dos seus membros ou embaixadores especiaes que as representaram, e alguns soberanos apressaram-se em remetter offrendas de alto valor material e artistico, como demonstração de affecto aos sympathicos soberanos da Italia.

Os imperadores da Alemanha enviaram, ao annunciar a sua visita a Roma, uma estatua de prata, representando a Italia, obra do escultor Begas.

Sua Magestade a rainha D. Maria Pia foi acompanhada do senhor infante D. Affonso, representar a casa reinante de Portugal. Em nome do Czar da Russia acham-se alli os grão-duques Wladimiro. O duque de York representando a Inglaterra e o archi duque Raniero a Austria. A representação official da Hespanha foi resolvida em conselho de ministros, recaiando a nomeação no duque de Alba. O principe Jorge representando a corte da Grecia. A França designou mr. Billot para apresentar aos monarchas italianos as felicitações em nome da grande republica.

De todos os festejos que se annunciaram, o mais curioso e importante foi o de um torneio em que se exhibiram as diversas phases da casa de Saboya.

O primeiro periodo, que decorreu de 1027 a 1410, representado pelo duque de Aosta, symbolizando o conde Humberto I chamado *Biancamano* e acompanhado de arautos, pagens, gonfaloneiros e arqueiros.

Os duques de Saboya, desde 1410 a 1720, representados no duque dos Abruzos symbolizando Amadeu VIII, o Pacifico, e a sua comitiva de arcabuzeiros, pagens levando a corôa duca, cavalleiros, estandartes e homens d'armas com preciosos trajos da idade media, que prenderam a attenção geral.

Segue n' depois os reis da Sardenha, symbolizando em Victor Amadeu II, que representava o conde de Turim, com alabardeiros, granadeiros da Saboya, pagens e cavalleiros.

O rei Victor Manuel é representado pelo seu neto, o principe de Napoles, o qual figurou tambem como grão mestre da ordem da Annunciada e das S. Mauricio, Saboya e Corôa de Italia, levando ao seu lado lictores, gonfaloneiros com os cem estandartes representando outras tantas cidades da Italia.

Dos outros papeis foram encarregados os individuos das familias mais distinctas do Piemonte que ensaiaram marchas e evoluções de grande apparato. Na Praça de Liens na Villa Borghese, marcaram-se logares para vinte dois mil espectadores, fixando-se em quarenta liras (7:200 réis) o preço dos reservados.

Houveram innumerados bailes, em que as dancantes vestiram pittorescamente. Innumerados espectaculos curiosos se prepararam e tão esplendurosos que as bodas de prata dos reis d'Italia, pode dizer-se affoutamente, foram celebradas com desudado fausto e magnificencia.

Os reis de Italia Humberto e Margarida de Saboya casaram a 22 de abril de 1868 tendo o rei 24 annos de idade e a rainha 17.

Foi um casamento de amor e de conveniencia politica e do qual houve dezoito mezes depois o nascimento do principe herdeiro.

Hoje os dois reinantes recebem do seu povo a consagração que merecem: a rainha pelas suas virtudes; um só filho lhe deu o céu e n'elle tem condensado e consubstanciado todos os seus affectos de mãe e toda a ternura de que dispõe a sua alma; o rei porque nos seus 25 annos decorridos após o casamento tem possuido todas as felicidades, sem interrupção de contendas ou empanamentos do brilho do seu reinado.

### O SUFFRAGIO UNIVERSAL, NA BELGICA

#### O MEETING DE GAND E VOLDERS

A crise revisionista que a Belgica tem atravessado ha já alguns mezes, chegou agora ao seu periodo agudo.

Logo ao primeiro momento o partido operario declarou que faria a greve geral na Belgica se o parlamento se recusasse o decretar o suffragio universal.

O partido operario foi fiel á sua palavra e grandes tumultos trouxeram perturbados os tranquillinos e laboriosos belgas. Estes tumultos não estiveram longe de assumir o caracter de uma revolução, cuja

importancia e consequencias não era dado prever.

Na sessão do dia 11 do mez transacto, a Assembléa Constituinte tinha feito taboa raza de todas as propostas que lhe foram submettidas e este resultado depois de dois annos de tergiversações por parte do governo cuja tatica tinha em mira ganhar tempo sem nada se revêr, acabou por exasperar as massas populares e deu logar a scenas de desordem que ensanguentaram as ruas de Bruxellas.

Em Ambers a colera popular contentou-se em partir meia duzia de vidraças e com uma grande manifestação operaria. Nos centros mineiros a greve geral decretada pelos chefes do partido operario tomou caracter mais serio. Em Liege, Charleroi, Gand, etc., temeram-se gravissimos transornos.

Em Mons, passou-se dos temores ao facto. Correu sangue e ficaram cinco homens mortos no campo, victimados pelo fogo da guarda civica.

Este desgraçado acontecimento produziu uma dolorosa impressão. Portanto impôz-se como urgentissimo revêr o artigo 47 da constituição belga e logo as commissões da assembléa constituinte, reunidas, deram-se pressa em accceitar a proposta do sr. Hyssens, illustre deputado conservador, por Louvain, na qual se estatua o voto plural.

Eis alguns dados acerca d'essa proposta hoje convertida em lei fundamental do estado.

O novo corpo eleitoral belga compor se-ha de 1 200:000 votantes, com 1 900:000 votos, distribuidos da forma seguinte:

1 200:000 votos pela qualidade de cidadão belga, maior de 25 annos, residente no município ha dois annos pelo menos.

365:000 votos supplementares, dos cidadãos casados ou viuvos com descendencia legitima, de 35 annos de idade para cima e que paguem pelo menos 900 réis de contribuição pessoal.

263:000 votos supplementares, de cidadãos proprietarios de bens immoveis, cujo valor cadastral chegue a 330:000 réis.

12:000 votos supplementares de cidadãos possuidores d'uma inscripção da divida publica ou d'um livrete da Caixa de soccorros, de 100 francos de renda annual pelo menos.

E 6:000 votos supplementares, dos cidadãos que tenham diploma universitario ou certificado de meio curso de estudos n'um grau d'instrucção superior.

Bastam estes dados para que se comprehenda o alcance da reforma, que por fortuna, se não realisou a favor d'um partido, exclusivamente, porque nenhum d'elles reunia na assembléa constituinte a maioria necessaria para dictar a lei aos restantes. Nem tardaram em accentuar-se os effectos da resolução adoptada. A guarda civica e as forcas de policia foram retiradas de Bruxellas no dia 19, em razão de haver se restabelecido a tranquillidade. O conselho geral do partido resolveu, no mesmo dia, que se recommencesse o trabalho e assim se fez. A maioria das fabricas e *ateliers* de Bruxellas acudiram logo os trabalhadores e esperava-se succedesse o mesmo no dia seguinte. Em Ambers tambem voltaram ao trabalho grande numero de operarios, mas algumas industrias continuaram paradas. Em Liege, a paralisação era geral, o que mantinha a policia vigilante, bem que se não temessem graves successos. Segundo telegrammas de Mons, ao enterro das victimas concorreram cerca 10:000 pessoas.

Triste! tudo isto; consequencia dos dirigentes se não decidirem a persecutar os dictames da consciencia publica e seguir-os com religioso escrupulo afim de evitar como lhes cumpre, conflictos sangrentos. Pois não se vê que o advento do suffragio universal é, em toda a parte, apenas uma questão de tempo!

Uma das manifestações mais importantes da greve politica foi o *meeting* no ar livre realisado em Gand, na planicie de S. Pedro, na qual harenhou Anselte o chefe dos socialistas — cooperadores de Gand.

A nossa gravura da pag. 104 representa este grande *meeting*. Damos tambem o retrato do principal agitador Volders, redactor principal do *Peuple* e o chefe do partido operario, aclamado pelos grevistas, aclamação feita na sala do café da *Casa do Povo* em Bruxellas.

### A EXPOSIÇÃO DO CREMIO ARTISTICO

(Continuado do n.º 51b)

Fallemos de Silva Porto. Fallemos do mestre da actual geração de artistas, do regenerador da pintura portugueza, na sua feição moderna.

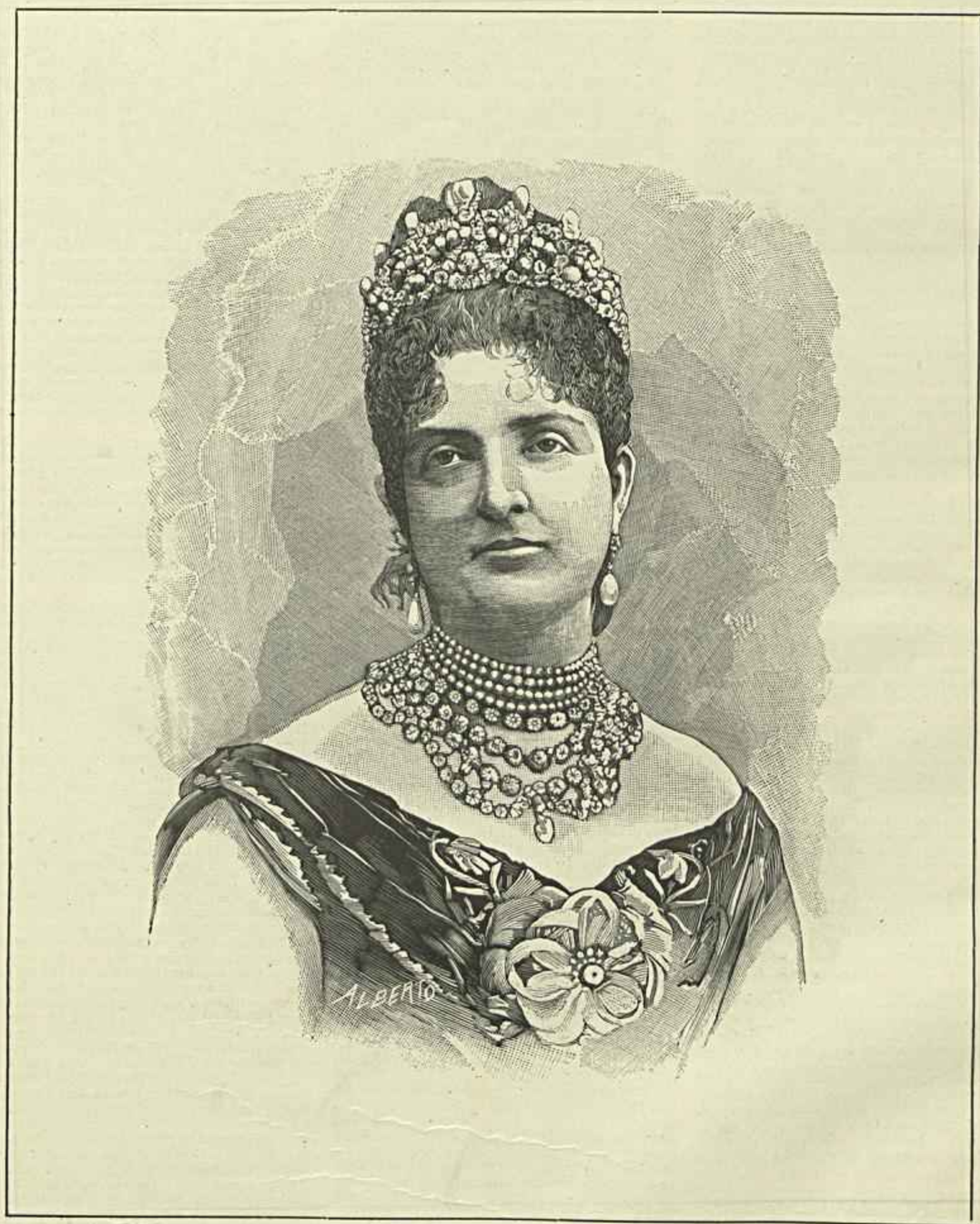
AS BODAS DE PRATA DOS REIS DE ITALIA



S. M. O REI HUMBERTO I

(Copia de uma photographia de Mr. Alessandri)

AS BODAS DE PRATA DOS REIS DE ITALIA



S. M. A RAINHA MARGARIDA

(Cópia de uma photographia de Mr. Alessandri)

Ao entrar-mos nas salas da exposição e relanceando os olhos pelos quadros de paisagens, é sobretudo n'estes que se revela a influencia do mestre, no empenho com que os seus discipulos lhe seguem o exemplo. Se exceptuarmos Malhó, que prefere um colorido mais convencional e, portanto, menos verdadeiro, os restantes artistas filiam-se em Silva Porto, embora não alcancem a simplicidade do mestre, a verdade com que elle reproduz a natureza desde a folha secca cahida na estrada da estrada até ao azul transparente do ceu que illumina a paisagem arejada, viva.

A nota exacta do tom, da cor, da luz, está ali; a perspectiva completa o resto.

E o ser correcto na perspectiva não é coisa para, pôr de parte em um pintor, quando ha tantos que lhe dão tratos que a pobresinha não merece.

Thénot diz que os erros de perspectiva, que se encontram nos pintores antigos, não podem ser desculpados nos pintores modernos, que não devem ignorar uma sciencia que faz parte do seu estudo.

E a nós parece-nos que Thénot tem razão, ainda mesmo sem visitar as nossas exposições de pintura.

Um erro perspectico faz perder toda a illusão de um quadro. Suportasse um colorido falso ou exagerado, uma indiscripção de luz, um tom convencional; os olhos poderão supportar qualquer d'estas liberdades ou defeitos do pintor, mas um erro de perspectiva repugna naturalmente como repugna ver um aleijão, uma deformidade.

Pois d'estes aleijões e deformidades veem-se bastantes pelas exposições de cá, e é por isso que os nossos olhos se detem satisfeitos nas telas de Silva Porto, onde a justesa do tom, a sobriedade do colorido, e da verdade da luz, se reune observa-se tudo no seu lugar, sem deformidades de soladoras que nos venham tirar a illusão de estarmos a ver a natureza quando contemplamos um quadro de Silva Porto.

Digam-nos se ha nada mais encantador do que aquelle quadro das *Cafeiras*, em toda a sua simplicidade!

Os *moinhos da confraria*, não tem aquella tranquillidade de cores que distinguem as telas de Silva Porto, mas o assumpto é inquieto de si pela reproducção dos cazebres que se espelham nas aguas verduengas do pégo, de modo que a primeira vista não se percebe bem o quadro, e só depois de alguns minutos de observação é que se principia a distinguir os cazebres no meio da folhagem e das sebes que são quasi da mesma cor e a perceber aquelles reflectindo-se nas aguas que estão em baixo.

Silva Porto triumphou até onde era possível d'esta difficuldade, que afinal nem todos apreciam. Chamava muito mais a attenção o seu quadro *Condução do rebanho*.

N'este quadro o assumpto está um tanto sacrificado ás dimensões da tela, e outro artista que não conhecesse a perspectiva como Silva Porto a sabe, teria naufragado dentro dos estreitos limites em que a scena está disposta.

Se este quadro estivesse mais alguns dias no atelier do artista, estamos certos que elle teria attendido um pouco mais no seu acabamento, muito principalmente nas ovelhas do primeiro plano.

Os outros quadros de Silva Porto *Levada de T. rrio*, *Caminho da Egreja*, *Moinhos do Arquinho*, *Caminho de Perre*, *Manhã* e *Na eir.*, são pequenas telas, em que se reconhece o pulso do mestre n'um ou outro pormenor, e que vem ali de parceria com os seus discipulos para os animar e como que para lhes dizer que nem só com os grandes quadros se affirmam os grandes artistas.

E assim é.

Pela grandeza da tela, nenhuma outra, n'esta exposição, se impõe como a de *Jesus*, quadro de Salgado. Tela, tela que nunca acaba, e que bem repartidinha poderia dar alguns pares de quadros mais apreciáveis do sr. Salgado.

Nada menos de 32:000 centímetros de tela, pintada em tons escuros, quasi pretos, com uma nesga de ceu azul lá em cima, como se fôra uma cova. A um dos extremos do quadro uma figura de perfil, com a cabeça voltada para o fundo, sobresahindo fortemente a sua tunica branca sobre a escuridão da tela.

E' Jesus.

Attentamos reverentes n'este quadro, cuja grandeza da tela e do assumpto se impunha naturalmente á nossa contemplação. Meditamos e recolhemo-nos em espirito para comprehender-mos todo o sentimento que havia ali, n'aquella figura que nos occultava o rosto e parecia embebecida n'aquellas montanhas negras que se estendiam por todo o quadro.

Mas depois do nosso recolhimento só encontramos a impressão da grande tela pintada, porque a impressão do que Jesus pensava e sentia no meio

d'aquella noite escura, não nos foi dado avaliar porque elle occultava o rosto de xando-nos apenas ver a sua rara cabeleira loira e a ponta da sua barba aguda, como a de um *petit-crevé*.

A tunica alvejando no meio d'aquella escuridão devia forçosamente ter uma luz propria o que não destoa da divindade de Jesus, d'onde irradiava uma luz suave como da aurora, segundo nos dizem os evangelhos, mas no quadro do sr. Salgado a luz concentrou-se toda na figura do seu Jesus e nem um só raiosinho illuminou nada em torno do filho de Deus.

Tudo isto pensamos e por fim só encontramos uma unica explicação: aquelle Jesus, que não nos deixava ler em seu rosto toda a doçura da sua alma, era um Jesus fim de seculo, como agora se diz.

Outros quadros apresenta o sr. Salgado, que justificam plenamente as esperanças que havia no seu talento, e d'entre estes destacaremos o retrato do sr. Wenceslau de Lima, que é magistralmente pintado, e deenhado com uma firmeza pouco vulgar.

Apenas notaremos que o olhar do retrato é vago, o que sempre faz perder muito do effeito de um retrato, e não quadra a este o que vulgarmente se costuma dizer: parece que está a olhar para a gente.

A parte este senão, que apenas notamos por se tratar de um quadro digno da critica, só diremos que quando dispozemos dos meios de fortuna necessários para legarmos á posteridade a nossa effigie pintada n'uma tela, desejaríamos ser retratados assim.

(Continúa)

Xilographo

## Um viajante estrangeiro em Portugal no seculo XVI

III

(Continuado do n.º antecedente)

A vida em Evora não podia ser mais agradável. Encontrou lá o famoso medico, com quem se aperfeiçoou no arabe, apesar d'elle ser muito surdo e de um genio bisonho. Graças ao seu auxilio, Kleynardts pôde completar o seu dicionario latino-arabe, e ao fim de tres annos já se julgava em situação de voltar para Lovaina e de ir inaugurar na sua universidade uma nova secção de estudos. Era esse o seu sonho aureo, e a esta nostalgia constante devemos attribuir o mau humor com que falla de Portugal e dos Portuguezes.

As suas obrigações estavam longe de ser pesadas. Elle mesmo o confessa:

«Tenho só de consagrar uma hora por dia ás minhas obrigações, e gasto essa hora em dar lição ao príncipe, ou em conversar com elle em coisas agradáveis. Tenho muitos feriados. Estou livre aos domingos e dias santos, e passa-se raras vezes uma semana, em que não tenha mais um ou dois dias livres, porque o príncipe vai á caça ou a qualquer outro divertimento. Esses dias passo os eu casa sacrificando ás Musas; porque na verdade o que ha-de fazer: um theologo nas caçadas, a não ser que faça como muitos capellães da corte que andam sempre á caça de beneficios?»

Isso não o impede de escrever o seguinte em março de 1535 ao seu amigo Latomus:

«Não ha por aqui grande abundancia de urtilices, nem se pôde esperar que elles venham oferecer-nos os objectos que fabricam. Não só temos de lhes pagar o custo, mas de lhes dirigir muitas supplicas antes de lhes podermos arrancar alguma coisa. E quem lhes conhece os costumes não tarda a reconhecer que os objectos que elles vendem valem muito menos do que o que elles pedem».

Permittam nos uma interrupção. Na nossa visinha Hespanha quem imaginar que obtem com rapidez os objectos que encommenda engana-se completamente. De um official portuguez sabemos nós que encommendou uma espada na celebre fabrica d'armas de Toledo, e que, tendo feito a encommenda em outubro, pagando adiantada uma parte do preço, só a recebeu em março. Cinco mezes para fazer uma espada! Levou menos tempo seguramente o fabrico da *Tizona* ou da *Durandal*!

Tambem quem dêsse em Madrid pelos objectos que comprava o preço que lhe pediam dava com certeza o triplo do que elles valiam. Kleynardts, que esteve tanto tempo em Salamanca, devia saber o, e é triste que apresente como defeito portuguez o que é pelo menos um defeito peninsular, se não meridional. Mas continuemos:

«Se queremos carne, temos de a esperar no mercado duas ou tres horas, e depois quasi que temos de a levar á força. Mas não vos contei a historia do barbeiro. Se quereis fazer a barba mandais o vosso criado pedir-lhe que vos venha barbear. Depois de esperardes muito tempo, vem elle a final, mas não, como os nossos barbeiros, trazendo a bacia e o jarro. Não seria decente que tão distincto personagem trouxesse qualquer coisa nas mãos. Tem o vosso criado de ir buscar a bacia e o jarro e de os levar depois, ou então ficareis tão intonsos como Apollo».

«Aqui todos são fidalgos, e é deshonoroso quasi exercer qualquer officio manual. Imaginaes que uma mãe de familia vai pessoalmente ao mercado, compra o peixe, ou cozinha os vegetaes? De maneira nenhuma. Não faz senão trabalhar com a lingua e d'ella se serve para guardar a posição que entende que o casamento lhe dá. Ainda que eu tivesse a quarta parte do rendimento que tenho agora, não seria capaz de encontrar uma esposa que quizesse olhar pela casa, e attender a negocios domesticos, como fazem as nossas mulheres do Brabante. Como vivem aqui? pergontais naturalmente. Não ha casa que não esteja cheia de escravos. Captivos negros e mouros fazem todas as obras servis; e Lisboa está tão cheia d'elles que eu supponho que ha mais escravos do que Portuguezes de nascimento. Difficilmente encontrareis uma casa que não tenha pelo menos uma serva d'este genero, que vai ao mercado, lava a roupa, esfrega o chão, e faz toda a especie de trabalhos desagradáveis — em resumo é uma escrava, e só differe na apparencia de uma besta de carga. Os que são ricos possuem muitos escravos de ambos os sexos; alguns tiram não pequeno rendimento da venda dos escravos que lhes nasceram em casa e que elles criam como nós fazemos aos pombos».

Ora Kleynardts, que era tão erudito, não sabia que o mesmo acontecia em Roma, quando a grande cidade dominou o universo? Não estava sendo Portugal então o povo rei do Oriente, e não era naturalissimo que tivesse os defeitos assim como tinha as qualidades do povo romano? Faziam obras servis os cidadãos de Roma, e o papel que em Portugal representavam os mouros e os pretos não era o que representavam em Roma os Gregos, e os Africanos, e até os Gallos e os Germanos? Continuemos:

«Em Salamanca havia ao menos abundancia de tudo, e era possível arranjar uma casa á maneira flamenga, uns criados e criadas que se tratavam como devem ser tratadas pessoas livres. Mas logo que cheguei a Evora, pareceu-me que tinha chegado a uma cidade de demonios. Por toda a parte se encontram pretos, o que me desagradava immenso, e basta a presença d'elles para eu me affastar logo. Se Deus me não tivesse dado um amigo na pessoa do doutor João Petit (bispo de Cabo Verde) não sei como eu poderia viver entre os Portuguezes... Vivo ao pé d'elle e junto com elle todos os dias. Ao jantar lê-se uma porção do Velho Testamento em hebreu e outra porção do Novo Testamento em grego, e depois discutimos acerca do que lemos, e cada um de nós aproveita com a erudição do outro. Tem comsigo tambem dois parentes que não são menos instruidos do que elle. Toda a nossa conversação versa sobre a litteratura ou theologia. Assim não tenho nada que tratar com aquelles malditos escravos. Tenho um criado só, Gullherme que trouxe comigo de Salamanca. Se eu desejasse viver á moda, teria um estado regular com quatro escravos e uma mula. Que importava que eu não tivesse comida em casa e estivesse envidado até ás orelhas com tanto que tivesse esplendidas apparencias fora de casa? E assim que vive aqui um perfeito cortezão. Dar vos-hei um exemplo. Um Portuguez excitára o odio de um Francez que viera para aqui no sequito do rei Manoel, e viera a ser da casa da rainha Leonor. O Portuguez desenvolvia uma pompa extraordinaria, e tinha uma grande apparencia exterior; mas o Francez, conhecendo os habitos d'este povo, teve curiosidade de saber o que elle gastava, e pôde apanhar o livro das contas em que o Portuguez assentava a sua despeza diaria. E achou todos os dias «agua quatro soldos, pão dois reaes, rabanos real e meio.» A mesma magnifica despeza todos os dias, até que chegou ao domingo em que o Francez esperava encontrar mais alguma extravagancia; mas, em vez d'isso, lia-se no principio: «Hoje não ha rabanos, porque se não encontravam no mercado.» Este é o modo, meu caro Latomus, como vivem muitos d'estes Portuguezes comedores de rabanos que mostram tanto aparato. Tem mais escravos para os acompanharem nas ruas do que reaes para gastarem em casa. Eu creio realmenre que pessoas que não tem maior rendimento do que eu,

tem comtudo oito servos, que mantem não com sustento, mas com fome!

Analysemos um pouco.

E evidente que o nosso digno Flamengo não se horrorisava com a escravidão, horrorisava-se com a cor dos escravos. Se os Portuguezes em vez de escravos pretos fivessem escravos athenienses, o nosso Kleynardts, erudito da Renascença, acharia que imitavamos admiravelmente aquella gloriosa Roma, objecto do apaixonado culto de todos os eruditos do seculo XVI. A cor preta é que lhe repugnava; não nos repugnava a nós, e por isso nos possuimos vastissimas colónias africanas, e temos proporção para allí fundar um grande imperio, ao passo que os descendentes de Kleynardts, que herdaram do erudito professor de Lovaina o seu horror pela cor preta, não de fazer com o seu Estado livre do Congo um fiasco tremendo, como já se principia a sentir.

Emquanto ao ridiculo da pompa por fora e da fome em casa, ridiculo que se dá em todas as sociedades, onde o luxo domina, quasi que Kleynardts não faz senão copiar o nosso Gil Vicente que não poupou os seus compatriotas. O tal Francez não precisava de ir ver o livro das contas do Portuguez, bastava que fosse ouvir o Apparicio da farça *Quem tem favelos?*

Quien es tu amo? di hermano!  
App. — He o demo que me tome:  
Morremos ambos de fome,  
E de lazeira todo o anno.

Tres annos há que não ceta,  
E nunca lhe vi cruzado:  
Mas segundo nós gastamos,  
Um tostão nos dura um mez.

Vem alta noite de andar  
De dia sempre encerrado,  
Porque anda mal roupado  
Não ousa de se mostrar.  
Vem tão cedo: Sus, cear!  
Como se tivesse que  
E eu não tenho que lhe dar,  
Nem elle tem que lh'o eu dê.  
Toma um pedaço de pão  
E um rãbão engelhado  
E chanta n'elle bocado  
Coma chlo.

Esta fome canina, já notou um escriptor, e muito do seculo XVI. Aparece-nos a cada instante nos romances picarescos hespanhoes, e na Italia acontecia a mesma coisa. Como podia porém Kleynardts tomar um ridiculo e um defeito de uma sociedade como caracteristicos da vida inteira de uma nação? Se assim era, a narrativa de Kleynardts não pode ser senão animadora para os vegetarianos, porque mostra que afinal de contas o regimen dos rãbanos e do pão é muito mais substancial do que o da comida bem azotada, das carnes succulentas, visto que era com elle que se formavam os rijos soldados que bem mostravam a força do seu braço na Africa e na India.

Mas entretanto o cardeal D. Henrique foi nomeado arcebispo de Braga, e o seu mestre partio para a sua nova diocese. Temos circumstanciada noticia da sua jornada, e o leitor vai ficar pasmado sabendo, porque o proprio Kleynardts o diz, que partio para Braga levando consigo o seu fiel criado Guilherme e *tr. s. escravos pretos!*

(Continúa)

Pinheiro Chagas

## ORIGINALIDADES

(CONTO BRITANICO)

(Continuado do numero antecedente)

Williams Kear habituado sempre a adivinhar o sol atravez das expessas nuvens de fumo expellidas pelas milhares de chaminés da mais populosa capital da Europa, sentia certa predilecção pelo indefinido, um gosto extraordinario pelo obscuro, pelo nublado.

Sentia-se bem quando se alumiaava com uma luz amortecida, coada azeve de cores duvidosas, mal definidas; e, ao contrario, o demasiado brilho feria-lhe extraordinariamente o systema nervoso.

Herdara Williams de seus paes, além d'uma consideravel fortuna, uma biblia, impressa em Londres, e uma certa crença, ou antes descrença das mulheres.

Parece que o velho Kear, ferido não sei porque susceptibilidades, tinha por habito contar ao pe-

quenito Williams taes coisas das mulheres que lhe fez nascer no coração, desde a infancia, um odio de morte contra essa obra prima do universo, como lhe chama Lessing.

Williams, já crescido, já homem, conservava tudo de memoria, e quando mesmo quizesse esquecel-o lá estava a biblia, reliquia d'avós, a invocar-lhe as recordações.

O progenitor havia traçado com o seu proprio punho no alto da primeira pagina o pensamento de Shakespeare, o seu poeta querido — *as mulheres são perfidas como a onda.*

A biblia estava sempre junto d'elle, era-lhe companhia inseparavel, mas com ella lá ia o fatidico pensamento a segui-lo, a recordar-lhe o passado e a lembrar-lhe o futuro.

Vel a era vêr o velho Kear; duas suissas alvas como asas de cygne colladas no extremo superior d'um cedro do Libano, fluctuando com o vento das montanhas mas sem imprimir ao tronco a mais leve oscillação: era mais facil arrancar-o pela raiz do que dobral-o em qualquer direcção.

A biblia, que ao principio era apenas para Williams uma joia de familia, uma recordação saudosa, passou a ser objecto das suas cogitações constantes, de um atorado estudo.

Leu, releu, mas não passou do terceiro capitulo. Dava-lhe cuidado aquella serpe monstruosa que tão habilmente embarralara o pobre Adão.

Pensava n'isto dias e noites. Deitava-se, levantava-se, dormia, acordava, passeava... sempre, sempre o mesmo pensamento fixo a torturar-lhe o cerebro!

Mas, como não ha problema, por mais difficil, que possa resistir aos embates persistentes das elaborações do raciocinio, uma manhã o nosso gentleman transpôz d'um pulo o intervalo que separava o fôfo leito do pavimento alfombrado do quarto, e exclamou a pulmões cheios, como n'outro tempo fizera o grande Archimedes — achei!

Quasi em natural adorno, quebrando as regras da mais treval etiqueta, correu, de biblia sobraçada, ao seu gabinete e, tomando da penna, escreveu á margem da folha respectiva em letras garrafas — *A serpente é um mytho: a mulher é a serpe tentadora.*

Feito isto soltou um ai do fundo do peito e voltou mais leve, aereo quasi, a retomar a horizontal posição que antes occupava entre os finissimos lençoes da cama.

John, o velho servçal, encontrando-se com Williams quando este regressava ao quarto, e reparando n'aquella simplicidade de vestuario, julgou-o demente, e intendeu ser melhor não provocar as furias de um louco e retirar-se cauteloso, fechando sobre si a porta do quarto.

Williams, apesar de ser n'esse dia votado ao mais rigoroso jejum da sua vida, nem d'isso fez reparo, tanto o havia saciado a matinal descoberta.

D'ahi por diante continuou a estacionada leitura da biblia, fazendo sobre ella importantes trabalhos, de que darei apenas uma resumida noticia para não enfadar as bellas leitoras para quem esta secção não pode ter attractivos.

Serei pois o mais conciso possivel.

Reduziu a um só o multiplicado numero de livros da biblia bem como o numero de capitulos respectivos a cada um. Fez a somma particular dos versiculos de cada livro e depois a somma total d'elles.

Apurou quantas vezes uma mesma palavra, quantas uma mesma letra eram repetidas n'um capitulo, em um livro, e, finalmente, em toda a obra.

Reuniu em uma só parcella as innumerables virgulas, pontos e virgulas, exclamações, interrogações... eu sei! um trabalho portentoso, insano cheio de vigílias, com as honras de novidade, e, sobretudo, significativo de uma possibilidade inaudita!

Disse que havia em Williams o senão do orgulho; mas não teria este muita razão de ser?

Todos tinham já como certo que alguma das muitas sociedades scientificas do paiz lhe lançaria ao pescoco a medalha remonerativa do merito litterario e scientifico logo que aquelles trabalhos monumentos vissem a amortecida luz do sol d'Inglaterra.

Afirmava-se até que Williams mandara já preparar um espartilho, especie de couraça, destinada a preservar-lhe o estimavel thorax dos amplexos dos entusiastas, que no furor do delirio, traduzido em freneticos e convulsivos abraços, lhe podiam aproximar o externo da columna vertebral, e... adeus gloria patria!

Sucedeu, porém, que estando, como a linda Ignez, posto em socego, recostado no seu fauteuil, junto da secretaria, companheira de longas

vigílias, e que vergava ao peso dos seus monumentaes trabalhos; gozando o somno dos innocentes, vendo como estes, não os brinquedos da feiticeira, arvore do Natal, mas os louros e as ovações de toda a ordem; succedeu, digo, que uma das velas da serpentina, que lhe era pharol no mar das nocturnas investigações scientificas, espirrou, ou porque Morpheu n'ella crestava a ponta da aza no momento de adejar em volta da cabeça de Williams, ou por outro qualquer motivo recondito, mysterioso, ignoto, e do centro da flama voou uma faulha, que pousando sobre o papel o incendiou rapidamente, vertiginosamente, como se um immenso folle atecesse a labareda.

Em um momento as chammas communicaram-se aos escriptos e d'estes aos livros de modo que ao cabo d'alguns segundos a meza que continha um porvir de gloria, transformou-se n'uma Herculanum abrazando-se nas lavas d'aquelle Ve-zuvio.

O clarão sinistro d'aquella horrivel fogueira era por Williams visto no meio do ridente sonho que lhe affagava a mente, mas a imaginação havia-o transformado em proveito proprio, dando-lhe a proveniencia de milhares de archotes de uma triumphante marcha ao flambeau que acclamava os seus trabalhos litterarios.

E elle todo alegre, todo orgulhoso, não se incommodava agora com aquella luz demasiada, com aquella fogueira infernal, que se conspirava para a destruição da sua obra grandiosa.

Pela razão, porém, de que não ha n'esta vida ephemera, felicidade completa, o sonhador foi bruscamente arrancado ás delicias d'aquella sonho tão querido, tão saboriado, pelas labaredas que já lhe laziam sentir as suas caricias especialmente nas partes nuas do corpo inerte.

Em sobresalto, desnordeado, sem comprehensão perfeita do que se passava, mas adivinhando uma grande catastrophe, lançou-se ao meio do fogo com uma coragem sobrehumana, só comparavel á do que quer a todo o custo salvar o filho, e revolveu as cinzas no seio das labaredas para salvar tambem o filho predilecto que a intelligencia lhe gerara, e que era a alma da sua alma, a vida da sua vida e o seu futuro de gloria!

Era já tarde. Tudo cinzas! Desgraçada, infeliz posteridade!

(Continúa.)

A. MOTTA.



## REVISTA POLITICA

Correm brandamente as ondas no mar da politica e no orizonte apenas assomam, uma ou outra vez, algumas ligeiras nuvens, que logo se desfazem, como os boatos de crise ministerial, que n'estes ultimos dias circularam.

Não é porque algumas folhas menos affectas á situação, deixem de vez em quando, de estar a fantasiar supostos escandalos, farejando desgraças, como aquella inveja de que falla Victor Hugo.

Sim não é por falta de apresentar casos, quer elles sejam como o do professor Marçal, simples e innocentes, em que a lei foi preferentemente acatada, quer elles sejam de maior vulto e mais custosos de destrinçar, como o do caminho de ferro Queilmane Chire, cuja conseqüência tem dado que fallar ás citadas folhas.

Mas por mais que queiram descobrir por onde o governo perca, ainda não poderam acertar, e todos os sonhados escandalos se tem desfeito como fumo, no meio da atmosphera serena e tepida d'esta estação politica que vamos atravessando.

Apparentemente nada denuncia quaesquer perturbacões na marcha dos negocios publicos ou mesmo desintelligencias no seio do gabinete, e ha tres annos a esta parte que não se aprecia uma situação mais tranquilla e de confiança na direcção do Estado.

E tudo isto, porque o governo até agora tem procedido com uma correcção que de ha muito se não via por cá.

É o que se nos afigura no meio da imparcialidade e independencia com que apreciamos a politica da terra.

Está para breve a abertura do parlamento de que apenas nos separam 15 dias, que na voragem do tempo são como 15 minutos do condemnado, e é para o parlamento que o governo reserva apresentar os seus trabalhos, como sejam o orçamento e a proposta sobre os creadores estrangeiros, etc.

## O SUFRAGIO UNIVERSAL, NA BELGICA

Sobre este ponto parece que o governo segue o caminho que o bom senso aconselha e a dignidade manda.

Tem estudado o assumpto, principiando por conhecer bem aquillo com que pôde contar, para responder pelo que se obrigar. Para isso tem revisto minuciosamente o orçamento, onde tem encontrado muito que cortar.

Tem trabalhado, como se sabe, para a boa regularidade da arrecadação dos impostos, ao mesmo tempo que emprega os meios necessários para aperfeiçoar estes e acabar com as burlas ao thesouro, e é depois de todo este trabalho que dirá o quanto pôde pagar aos credores da fazenda publica.

Perfeitamente correcto, e sempre assim o entendemos, como mais de uma vez aqui o temos dito.

Nunca comprehendemos accordos ou convenios com os credores estrangeiros, tratando-se de uma nação, que não de um particular.

Uma nação tem deveres de honra, de dignidade que não se podem aquilatar pelas de qualquer commerciante fallido.

Uma nação nas circumstancias da nossa, dá o seu balanço dos valores que tem e dos sacrificios que pôde fazer, sem anniquillar as suas forças de que justamente precisa para cum-



VOLDERS

CHEFE DO PARTIDO OPERARIO, NA BELGICA

nesto e digno, e estamos certos que o caminho que traçou para esta questão é o mais direito e livre de encruzilhadas, á beira das quaes estão os amigos dos diabos todos asafados a querer prestar serviços, mesmo sem ninguem lh'os encomendar.

Lembra-nos isto um negocio de certa valia que uma vez tivemos muito em risco de perdermos.

Um amigo dos diabos offereceu-se-nos para tratar do tal negocio e não nos largava por mais que lhe agradecesse-mos e ao mesmo tempo lhe dispensasse-mos os seus serviços. Por fim nós vencemos a campanha sósinhos, e quando já tínhamos na nossa algibeira a quantia que em tanto risco estivera, ainda o bom do amigo instava comnosco para lhe deixarmos tratar do negocio, pintando com as mais negras côres as difficuldades que havia para o vencer.

Folgamos que o procedimento do governo venha encontrar-se com o que sempre pensámos ácerca d'esta questão, e folgamos tanto mais por nos tirar da duvida em que estavamos se pensando d'aquelle modo pensava-mos mal.

A razão é só uma, e só quando ella não se quer reconhecer é que se inverte e chega a parecer insensatez.

João Verdades.



O MEETING DE OPERARIOS NA PLANICIE DE S. PEDRO, EM GAND

prir os seus compromissos, e depois de ter feito esse balanço, declara honradamente o que pôde pagar.

Não regateia, não se furta a pagar mais um real se elle estiver nas suas forças, e n'este caso para que são precisos convenios ou accordos?

Os credores ou se conformam, e recebem o que se lhes pôde pagar, ou não se conformam e o que fazem?

Vão pedir aos governos do seu paiz, que nos

mandem os seus exercitos para nos tirem á força o que não temos?

Vão lançar mão dos nossos territorios para os repartirem pelos diversos credores?

E' preciso não ter nenhum senso nem nenhuma noção do direito natural das gentes, para pensar tão grande disparate.

Firme-se o governo no procedimento honrado do paiz e na rectidão e justiça dos seus actos, com toda a simplicidade e sinceridade de um viver ho-

### Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.  
Preço da capa e encadernação 1200 réis.

Pedidos á empresa do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Adolpho, Modesto & C.<sup>ª</sup> — Impressores  
R. Nova do Loureiro, 25 a 39